

Em destaque

**Para a Maria Helena Mira Mateus,
uma estrela que se extinguiu**Margarita Correia¹

Conheci a Maria Helena sensivelmente há trinta anos. Ela tinha então a idade que eu tenho hoje, cerca de 60 anos, mas é-me difícil compreender que ela fosse já uma pessoa “de provecta idade”, como gostava de gracejar. A Maria Helena era então uma mulher madura mas muito mais jovem, solar e cheia de energia, de ideias e de projetos, que eu, creio, alguma vez fui.

A Maria Helena acompanhou toda a minha carreira académica de 30 anos. Nunca foi minha professora, eu nunca trabalhei na sua área primeira de formação, a fonologia, mas a vida permitiu-me criar com ela uma relação de trabalho e cumplicidade como poucas existem seguramente. E de admiração e amizade recíprocas. Estou há dois meses sem a Maria Helena e, ainda, quando o telefone toca, ocorre-me sempre que pode ser ela.

O meu encontro com a Maria Helena deu-se no início do meu mestrado em Linguística, em 1989, visto que tínhamos um seminário que funcionava nas então instalações do então ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Computacional), que ela dirigiu até 2012. Em dezembro de 1990 entrei como assistente estagiária na FLUL (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), para lecionar as disciplinas de Lexicologia e Lexicografia, coordenada por João Malaca Casteleiro, e de Introdução aos Estudos Linguísticos, coordenada por Maria Helena Mira Mateus. Quando concluí o meu mestrado, em 1992, a Maria Helena convidou-me imediatamente para ingressar no ILTEC, num projeto europeu chamado GENELex, e foi o ILTEC que selou a nossa união, que haveria de durar até a morte nos separar. Ainda fomos cúmplices em várias outras aventuras, umas mais emocionantes e divertidas do que outras: a direção executiva do DLGR (Departamento de Linguística Geral e Românica), a coordenação da 1.ª série da *Revista Internacional de Língua Portuguesa* (da AULP), a criação da Associação de Informação Terminológica, por exemplo.

O ILTEC era uma unidade de investigação independente, a única do país na área da linguística. Foi criada para acolher o projeto europeu EUROTRA, entre 1987 e 1994. Após o final do projeto EUROTRA, em que eu nunca participei e que estive na base de um *boom* da linguística teórica, descritiva e computacional em Portugal, a torneira da Europa começou a correr cada vez menos nas torneiras do ILTEC, o instituto passou a ter uma vida conturbada e nada fazia prever que duraria até ao final de 2014, quando deu origem ao CELGA-ILTEC, sediado na Universidade de Coimbra. Juntamente com a Eduarda Paixão da Luz, nossa querida companheira, e mais alguns carolas aguentámos o barco até ao final, contra ventos e marés, e felizmente, porque assim tivemos oportunidade de criar laços indeléveis de amizade e camaradagem, de nos divertir e rir muitíssimo, de meter bastante areia em certas velhas engrenagens e de irritar muita gente. Pelo meu lado, tive a oportunidade única de aprender com uma mestre irrepetível tantas e tantas coisas da ciência e da vida que nunca serei capaz de as enumerar.

A minha relação com a Maria Helena não foi sempre fácil; bem pelo contrário. Imaginem duas pessoas diferentes; éramos nós. A Maria Helena possuía todo aquele charme, toda aquela elegância (era uma verdadeira *lady!*), toda aquela diplomacia e jogo de cintura, todas as suas convicções que tantas vezes me pareceram distantes das minhas! Zangámo-nos muitas vezes, outras tantas eu fui dura com ela por palavras – ela raramente o foi comigo –, mas, quando eu procedia ao cálculo das situações, a balança pendia invariavelmente para o lado da Maria Helena e sempre foi para mim claro que era muito mais o que nos unia do que aquilo que nos poderia separar.

¹ FLUL e CELGA – ILTEC.

P

Unia-nos uma vontade de ferro, uma resiliência imensa, uma determinação a roçar a teimosia, alguma loucura e muito sentido de humor. Separava-nos a incrível capacidade que a Maria Helena tinha de ultrapassar os desgostos e as perdas – e ela teve tantos e tão duros! –, sofrendo-os até ao âmago, mas sem afundar, conservando uma dignidade impoluta.

Distinguia-nos, ainda, o incontível gosto pela vida e pelas pessoas da Maria Helena, a sua alegria transbordante, o culto da festa e do convívio social que manteve até ao fim. Eu, que sempre fui uma solitária, um pouco antissocial até, participei maravilhada nas festas da Maria Helena, nas festas em casa da Maria Helena, festas que ela vivia e preparava sempre com o cuidado, o detalhe e o entusiasmo da criança que, em 88 anos de vida, nunca deixou de ser. Juntamente com o meu marido, a Maria Helena foi a pessoa mais festiva e solar que alguma vez conheci. Em muitos anos, 2019 foi o único ano em que não houve festa de Natal em casa da Maria Helena e o facto deixou-me na altura muito inquieta, qual presságio nefasto.

Um dia escrevi que a minha vida académica foi povoada por uma constelação de quatro mulheres-estrelas extraordinárias, que me inspiraram e deram o norte: a Danielle Corbin, a Maria Tereza Biderman, a Maria Helena Mateus e a María Teresa Cabré, a única que sobrevive. De todas, a Maria Helena foi aquela com quem convivi mais intensa e longamente e a sua morte deixou um vazio e uma dor tão íntimos que tenho dificuldade em os apreender e dizer.

É-me difícil terminar este texto sem deixar transparecer a tristeza profunda que me invade, mas tentarei ser positiva, porque era assim, lembra-me a Maria João Freitas, que a Maria Helena queria que fosse.

A morte da Maria Helena não foi uma morte, foi um desvanecimento. Solar como era, a Maria Helena apenas poderia pôr-se majestosamente como o sol, brilhando até ao último instante, deixando-nos a memória viva da sua intensa luz.

Lisboa, 30 de maio de 2020